

O PRÓXIMO ACTO ELEITORAL

Aproximam-se as eleições, sendo, portanto, oportuno afirmar, mais uma vez, a nossa atitude. Tem-se feito uma grande especulação política em torno do operariado e da própria C. G. T., especulação que nos determina a colocar as coisas no seu verdadeiro lugar.

E' certo que não faltarão os conhecidos chavões em torno da nossa atitude; que aparecerão por aí, em várias tribunas e tribunas, pregoeiros de salvação a praso curto e de miríficos elixires que tudo dão desde o rejuvenescimento à fortuna, a acusar-nos de estarmos fazendo o jogo dos reaccionários, aconselhando o operariado a não votar, a manter-se dentro do abstencionismo eleitoral que revela uma ascensão da sua inteligência até ao reconhecimento pela sua consciência de que votar é abdicar em favor de terceiros e em prejuízo da sua força, da sua iniciativa, da sua energia.

A C. G. T. — e nunca é demais que o digamos — está colocada dentro do terreno da luta de classes, isto é, no terreno das realidades políticas e económicas que compõem as sociedades contemporâneas. Longe de cometer a imperdoável e nefasta estupidez de arremeter contra a realidade social aceita e procura até transformá-la, adaptando-a aos interesses e às necessidades das classes trabalhadoras. Essa transformação, essa adaptação não podem ser feitas por meio de habilidades, por meio de sofismas, pois nunca por artifício se destrói o que é real.

A luta de classes não é, não pode ser uma colaboração de classes. E, por isso mesmo, a C. G. T. não pretende conquistar os órgãos políticos e económicos que pertencem à classe que lhe é adversa. Não pretende conquistar o apoio do Estado que é o histórico instrumento de opressão de todas as classes exploradoras, nem tão pouco o parlamento que é organismo que engendra continuamente as leis que o Estado tem de aplicar.

Pretende destruí-los, o que é diferente. E sabe que só o consegue quando deitar abaixo a classe que deles necessita para viver. Aceitar a luta dentro da legalidade burguesa é transigir com ela, é confessar-se tacitamente vencida.

Uma humanidade composta de eleitores será sempre uma humanidade de escravos e a C. G. T. não luta pela escravidão mas pela emancipação da classe operária. Quem pretender negar a luta de classes é tolo ou não possui equilíbrio mental. E a luta de classes só pode ser feita directamente pelas duas classes nela empenhadas. Dum lado os burgueses com os seus Estados, os seus parlamentos, as suas leis, do outro os operários agremiados em sindicatos, usando os métodos de acção que a experiência de muitos e rudes combates ensinou que eram os melhores.

De modo que a C. G. T. colocada no terreno da luta de classes actua dentro dele, pela acção directa, isto é, a classe operária age por si, consoante a sua consciência e a sua força, luta contra a classe burguesa. A vida é luta, quem não luta não vive. Se a classe operária deixasse de lutar pela sua emancipação recuará para os tempos da antiga escravidão. E o voto, esse voto que insistentemente lhe pedem todos os políticos, desde os mais extremistas até aos mais reaccionários, implicaria a abdicção da sua consciência colectiva. A classe operária não confia que outros façam a missão de que só ela se pode desempenhar. A luta contra a burguesia não pode ser feita com palavras, nem com leis, nem com expedientes burgueses.

A classe operária não se emancipa com Messias ainda que estes estejam dispostos a deixar-se crucificar como o Cristo da lenda e da Judeia. Perdem tempo os Messias procurando arrastar para a abdicção das urnas aqueles que delas se afastaram convencidos de que não é elegendo os políticos que os hão de escravizar que hão de conseguir a sua emancipação. O operariado sabe o que vale a política e sabe o que valem os políticos. E sabe também que só ao seu esforço deve as regalias que usufrui, regalias que não se conquistaram nos parlamentos mas em combates directos contra os exploradores e os tiranos.

A União dos Estudantes de Xangai faz um apelo ao mundo

O movimento de luta, que se estende hoje por todo o território da China, teve a sua origem numa série de violências cometidas contra o povo chinês, primeiro pelos japoneses, e depois de pior forma pelas autoridades inglesas de Xangai.

Aos operários chineses das fábricas de Xangai negaram-lhes os capitalistas japoneses o direito de formar organizações de resistência, e nesta situação se travou uma luta em que muitos trabalhadores foram assassinados vil e covardemente.

Em vista desta injustiça, os estudantes chineses intentaram apresentar à opinião pública a verdade dos factos sucedidos por meio de conferências, perante a Colónia Internacional, porém as autoridades municipais inglesas determinaram fazer calar as nossas palavras, pelo mais cruel e terrível dos métodos, metralhando-nos em massa, e causando a morte, não só dos nossos jovens oradores, mas também de inocentes transeuntes.

Desta maneira se iniciou a tragédia de 30 de Maio e dias sucessivos, com um grande número de mortos e feridos.

Foram estes acontecimentos que determinaram a greve geral em toda a China com o fim de chamar a atenção do Conselho Municipal sobre a grave situação que provocou, e de que eles sómente foram os responsáveis.

Dois semanas depois do massacre, uma delegação do Corpo Diplomático em Pequim, representando os poderes de Inglaterra, Japão, América do Norte, França, Itália e Bélgica chegou a Xangai para investigar a causa dos sucessos, com o propósito de chegar a uma imediata solução com as autoridades chinesas. Estas entenderam que só uma combinação se podia fazer, partindo do princípio fundamental da observação dos direitos estabelecidos.

Não querendo ouvir a voz da justiça, os ingleses e japoneses negaram a responsabilidade nos prejuízos causados pelo Conselho Municipal, recusando considerar as seguintes questões:

A participação chinesa no trabalho administrativo da Colónia e a liberdade de palavra e de organização.

Mas, além disso, deitaram culpa ao governo chinês por não tomar suficientes precauções, interrompendo as negociações depois de três dias de conferências.

Esta atitude falando mais forte que as palavras, dizem-nos que os ingleses apoiam os japoneses não desejam a justiça. Não tomam em consideração que a paciência do povo chinês chegou já ao limite e, como último recurso, nós fazemos um apelo ao mundo em nome dos trabalhadores e dos estudantes, fazendo saber a rectidão das nossas intenções, a justiça dos nossos pedidos e a firmeza das nossas resoluções.

Ambos, ingleses e japoneses, oprimiram-nos já demasiado, e a recente tragédia desenvolvida no nosso próprio solo, é simplesmente uma mera expressão das violências que continuamente eles levam a cabo.

Eles obrigaram-nos a crer que não pode haver cooperação entre a paz que nós amamos e um povo acostumado à agressão e de que todavia existem homens no mundo que conhecem de que forma o direito deve dominar a força.

No nosso propósito de fazer certa esta asserção, confiamos em que todos aqueles que pregam a paz no mundo, a liberdade e a igualdade entre os homens, se levantem, e nos concedam o seu apoio para dar lugar a que o nosso esforço consiga fazer ouvir a justiça e o direito entre a timidez ridícula do silêncio.

Desejamos por nossa parte pôr todas as nossas energias para fazer deste mundo um lugar onde a vida seja melhor, porém necessitamos do auxílio dos povos que pensam, para conseguir realizá-lo.

Xangai, 5 de Julho de 1925.

A União dos Estudantes.

O movimento sindicalista revolucionário em Itália ainda não morreu

A agência Havas tornou pública uma comunicação de Roma sobre um acordo entre os dirigentes dos sindicatos fascistas e os dirigentes dos sindicatos capitalistas. Os dirigentes das Corporazioni (fascistas) e dos industriais declararam reconhecer-se mutuamente. A agência Havas diz que um golpe vibrado contra as outras organizações operárias.

O facto não tem nenhuma importância. Que os capitalistas reconheçam nos sindicatos fascistas toda a força operária, nada tem de extraordinário. O patronato já tinha, há uns dois anos, dado essa espécie de força exclusiva aos sindicatos fascistas. Mas se agora acabam de repetir o mesmo acordo é porque o patronato não conseguiu manter os seus compromissos para com os sindicatos fascistas. E não conseguiram porque a massa operária não está monopolizada pelos sindicatos fascistas, porque ela ficou fiel na sua maioria aos sindicatos de classe.

O mesmo acontecerá no futuro. Patrões e fascistas devem ter-se apercebido de isso. E' curioso o motivo de consolação da imprensa oficial: A Confederação Geral do Trabalho (reformista) e a Confederação Católica — escreve — serão postas fora do movimento operário sindical italiano.

Então, depois de quatro anos de massacres, ainda há sindicatos não fascistas que ameaçam a segurança dos sindicatos fascistas? E' necessária esta espécie de boicottagem combinada entre patrões e fascistas?

E', pois, uma prova da falência do fascismo sindical que esta notícia nos anuncia, porque com efeito em Itália o movimento de classe não está morto, nem mesmo o da União Sindical Italiana, o mais revolucionário.

Notas & Comentários

Sorel e o sr. Zé

O Rebate atribuído ontem a Georges Sorel não só a criação do sindicalismo revolucionário em França, como a incompatibilização da grande massa proletária com o Estado republicano.

Georges Sorel, que possui grandes faculdades intelectuais não exerceu uma influência social tão profunda. O sindicalismo não foi criado por ele. Sorel limitou-se a defender esse método de acção que já existia com raízes profundas nas classes operárias.

Mais tarde passou-se com armas e bagagens para a classe burguesa, o que indignou ontem o sr. José do Vale. O mesmo fez o último e não nos consta que ele esteja indignado consigo mesmo.

O sr. José do Vale chama por isso jesuíta a Sorel. Mas nesse caso o que será o sr. José do Vale? Que diferença moral pode haver entre um e o outro?

Um ódio velho

O ódio colérico não pode conter a sua má vontade contra os fornos crematórios que a Câmara Municipal está instalando nos cemitérios de Lisboa. Como não pode atribuir-lhes outro defeito, afirma que se trata duma partida feita à Egreja, pelo livre-pensamento. Os cristãos, que sempre foram uns porcos e têm passado a vida a revoltar-se contra todas as sãs medidas higiénicas de todos os tempos, não podem agora deixar de protestar contra os úteis fornos crematórios.

Quem se quer bem...

Fala-se nos meios internacionais numa aliança da Itália, Rússia e Alemanha. Por muito estranho que o caso pareça às pessoas que superficialmente vêem os acontecimentos mundiais, uma aliança entre a Itália e a Rússia são naturais. Os seus processos de governo são fundamentalmente idênticos: a ditadura duma minoria aguerida e sectária (o partido comunista ou o partido fascista) contra a nação inteira (a Rússia ou a Itália). De resto Mussolini tem estado sempre em boas relações com os soviets. ... Há boas transacções comerciais e visitas oficiais de barcos italianos e russos aos portos da Rússia e da Itália. Quem se quer bem sempre se encontra...

Conforme os ventos

Os jornais conservadores acharam justos e apoiaram todos os insultos que os revoltosos de 18 de Abril dirigiram à República, ao chefe do Estado e ao próprio Exército. Agora que, numa manifestação popular, alguns desses homens insultados pelos reis de 18 de Abril, foram apunçados pelo povo — verberam o caso, indignam-se e fazem ressaltar os perigos sociais a que está sujeita a nação. ... Se fossem conservadores os manifestantes tudo mudaria de figura...

A prisão do sr. Nemo

O sr. Fernando de Sousa (Nemo) contou ontem a toda a largura de duas colunas as peripécias da sua primeira prisão, dois dias depois da implantação da república. Julgávamos, ao iniciar a leitura do artigo, que iríamos ver evocadas cenas horrosas, quadros inquisitoriais, violências brutais. Enganamo-nos, porém. Ao sr. Nemo sucedeu o que tem sucedido a muitos republicanos e a quasi todos os militantes operários. Há apenas uma diferença: o sr. Nemo, num período revolucionário, não foi agredido e não chegou a estar vinte e quatro horas sob prisão, os militantes operários estão incomunicáveis durante meses, são agredidos a cavalo marinho e, uma vez por outra, mortos a tiro, sob uma desculpa qualquer. A prisão, a amavel detenção do sr. Nemo foi uma injustiça, confessamo-lo. Mas que classificação devemos dar, perante a injustiça de que foi alvo o sr. Nemo, às perseguições que fazem ao operariado?

"O maior inimigo da Rússia é a Inglaterra"

assim o afirma Tchitcherine

BERLIM, 3. — Tchitcherine, entrevistado por um colaborador do Berliner Tageblatt, declarou-lhe o seguinte:

"A constelação política actual corresponde, nas suas linhas gerais, à hostilidade britânica para com os soviets.

"Na sua acção contra a União Soviética, a diplomacia inglesa está trabalhando para a destruição política e económica da Rússia.

"Não fomos nós que começámos a luta contra a Inglaterra; já várias vezes propuzemos que se examinassem os litígios que nos separam, pelos meios diplomáticos ou por via de conferências.

"A Inglaterra recusou.

"Concluo que o actual governo inglês considera o nosso carácter de Estado soviético como perigoso e que tudo fará para nos prejudicar política e economicamente.

"Sob este ponto, as questões relativas aos artigos 16.º e 17.º do pacto da S. D. N. são as mais importantes.

"São essas questões que poderão levar a Alemanha a participar numa aliança contra a Rússia.

"A Alemanha, pelo artigo 16.º, encontra-se na seguinte situação:

"Dum lado a Inglaterra, com a ajuda da França, pode exercer uma forte pressão sobre a Alemanha.

"Por outro lado, a Inglaterra pode apresentar-se perante a França como protectora da Alemanha.

"Juntai a isto que a Inglaterra pode prometer à Alemanha grandes proveitos à custa da Polónia, e eis-nos perante uma política verdadeiramente funesta.

A guerra civil chinesa

TOQUIO, 8. — Segundo notícias aqui recebidas, as tropas de Cantão encontram-se empenhadas num combate contra as do general Chu-Ling-Ming, do distrito de Sheklung, confinando com o de Lungang.

O combate dura desde o dia 3, ignorando-se o número de baixas.

FINALMENTE!

Foram postos em liberdade os marinheiros ludibriados em 19 de Julho

Foram finalmente postos em liberdade os republicanos que o capitão Mendes Cabeçadas ludibriou de combinação com outros conspiradores cujos nomes ainda não vieram a público; os marinheiros que o almirante Macedo e Couto, comandante da esquadra, incitou a obedecer ao capitão Mendes Cabeçadas, isto é, o chefe da revolução a bordo do «Vasco da Gama».

A reparação veio tardia para ser justa. Chegou-se ao cúmulo de haver hesitações depois do célebre julgamento da Sala do Risco em que juizes e reus estavam combinados e identificados num descarado conchavo que deu a absolvição final. Ainda depois de se ter dado «como não provada» a revolução de 18 de Abril, se manteve durante largos dias o critério de que os marinheiros, vítimas duma criminosa conjura, deviam conservar-se encarcerados.

Os marinheiros estão em liberdade já, mas ninguém esquece o tempo que demoraram em fazer-lhes justiça. E compreende-se — porquê. Os marinheiros não são da amizade do sr. António Maria da Silva, nem nutrem senão desprezo por esta encarnação barata do José Luciano de Castro da ex-tinha monarquia. Não são também reaccionários... Por isso tiveram de esperar por uma justiça que se fez tarde e a más horas. Entre os marinheiros e sargentos presos encontram-se alguns dos que tomaram parte no 5 de Outubro. A esses não foi a Epoca entrevistada como o fez ao capitão Mendes Cabeçadas, tratando com todo o alvoroço entusiasmo que ficamos duvidando se seria a Epoca que se tinha republicanizado ou se o entrevistado tinha deixado de ser republicano...

Foi mandado arquivar por falta de provas o processo contra o almirante Macedo e Couto. Mais um que estava inocente!

Em virtude do parecer do promotor de justiça com respeito aos acontecimentos ocorridos por ocasião da última revolta militar em 19 de Julho último, devem responder a conselho de guerra os seguintes oficiais e sargentos:

Da armada: Capitão de fragata Mendes Cabeçadas, guardas-marinhas Corte Real e Soares de Oliveira, 1.º tenente maquinista António Baptista, 2.º tenente maquinista Rodrigues dos Santos, 1.º sargento maquinista Ventura dos Santos, 1.º sargento telegrafista José Coelho.

Do exército: Capitão Baptista, capitão do estado maior Sinel de Cordes, tenentes de artilharia Almeida Baltazar, Rebelo de Almeida, Júlio Botelho Moniz; tenente de infantaria Moreira Lopes, tenente de cavalaria Herculan de Moura, e os sargentos N.º 377, João Baptista da Silva; 936, José Fernandes; 978, Freire Puga; 1082, Araújo Sousa; 1599, Salgueiro Boavista.

Esteve nesta redacção uma comissão de marinheiros do «Vasco da Gama» que, em nome dos seus camaradas veio cumprimentar a A Batalha e afirmar o seu agradecimento pela maneira como o nosso jornal os defendeu, durante o seu cativeiro no forte de Sacavém. Aproveitando o ensejo protestaram, com palavras sentidas, contra o assalto feito à Central dos trabalhadores por homens que, vindos de trabalhadores, são hoje polícias. A Batalha fica reconhecida pela solidariedade dos marinheiros e com a satisfação de ter cumprido um dever quando os defendeu.

SOB O REGIME DITATORIAL

Mussolini retira aos seus adversários o direito de elegi- bilidade

Segundo informam os jornais italianos, o Conselho de ministros deve reunir dentro em pouco para estudar, e certamente sancionar, os projectos de lei redigidos pelo ministro do interior Federzoni e que este comunicou há dias a Mussolini.

Estes projectos conseguirão consolidar mais uma vez a ditadura, suprimir o que ainda resta das liberdades públicas e retirar todos os seus direitos aos adversários do regime actual.

O primeiro desses projectos substitui nas localidades de menos de 5.000 habitantes os municípios eleitos por um funcionário real. Além disso, o governo poderá, em certos casos, após duas dissoluções, substituir as municipalidades das outras cidades por um funcionário real, e é de supor que os fascistas usarão e abusarão desta faculdade.

Segundo projecto: a cidade de Roma receberá um governador nomeado por um decreto real que gerirá os assuntos da capital e das localidades limítrofes.

Este governador fará as vezes da municipalidade actual que assim será eliminada.

O terceiro projecto de lei retira a elegibilidade provincial e comunal a pessoas pertencendo a uma associação que tenha por fim modificar a ordem política do Estado.

Em suma, como os jornais da oposição notam muito bem, Mussolini poderá afastar da vida pública todos os italianos que lutam contra a ditadura ou que aparentam hostilidade.

Estas decisões não têm precedentes na história contemporânea.

Por fim o quarto projecto retirará a qualidade de cidadãos a todos aqueles que, escapados para o estrangeiro, atacarem o regime actual e que Mussolini acusar de insultar sistematicamente o seu próprio país. O fascismo pretende confundir-se com a Itália. Este último termo visa especialmente Nitti, Amendola, etc. que, para se livrarem das violências dos Camisas Negras, fugiram para o estrangeiro.

A perda da nacionalidade italiana traz consigo a confiscação dos bens.

O cinismo de Mussolini vai além de todos os limites e os seus projectos, são feitas violações às leis italianas, às quais no entanto rei prestou juramento.

O governo por sugestão de Espanha mantém duas prisões iníquas

Os súbditos espanhóis António Callero e José Sanches que uma ordem reaccionária privou da liberdade ainda se encontram presos. As provas de inocência dos detidos são esmagadoras. A acusação que deu motivo à detenção desfez-se como frágil bola de sabão.

Mas não existiam provas jurídicas ou morais que justificassem a arbitrária medida do sr. Vasco Borges. Havia e há a omnipotência do ministro de Espanha em Portugal, que, obedecendo ao Directório Militar, dá ordens entre nós como se governasse Primo de Rivera. Era preciso que Callero e Sanches fossem detidos e assim se procedeu.

Qualquer dos detidos não pode ser acusado de agitador ou elemento perigoso para a Sociedade. O primeiro é aquele operário dourador que a polícia há tempos deteve na sede do Sindicato Mobiliário e que mais tarde foi solto depois de legalizada a sua situação. A própria polícia, depois de martirizar o detido, teve que o soltar sem que deixasse de consumir-se a arbitrariedade que revoltou todas as pessoas sensatas.

O segundo preso de agora, é um comerciante que vive há muitos anos em Lisboa e que tem uma existência tranquila vivendo apenas dos seus negócios sem se preocupar com outras questões que não sejam as que estão ligadas indissolúvelmente à sua vida comercial.

São estes dois «perigosos» elementos que o ministro dos Negócios Estrangeiros, para não contrariar o sr. Padilla, conserva ainda encarcerados contra todas as normas jurídicas, contra todos os direitos que a constituição confere aos súbditos estrangeiros.

Por mais que daqui perguntássemos ao sr. Vasco Borges porque mantém detidos Callero e Sanches não obteríamos uma resposta clara e precisa que nos habilitasse a dizer aos nossos leitores da culpabilidade dos presos. O sr. Vasco Borges não nos saberia responder porque, estamos certos, ele foi apenas o carrasco que deu execução. A verdadeira ordem de detenção foi dada pelo sr. Padilla e saiu do palácio de Pálvah em obediência a uma indicação de Madrid. E como o sr. Borges não precedeu dentro das normas jurídicas como convém a um ministro e jurista que, é o sr. Vasco Borges temos que dirigir as nossas perguntas para o sr. Padilla, que, afinal, é quem «todo lo manda» neste torção verdejante.

Ficará, então, o público sabendo qual a influência de que dispõe entre nós Primo de Rivera, que consegue distender os seus tentáculos até Portugal, mantendo preso e sem culpa formada há mais de oito dias um modesto operário dourador, que tem a abor-nar o seu porte o próprio patrão, e um comerciante que não gosa das simpatias rivelistas.

As liberdades individuais e o direito de exílio, internacionalmente respeitados, ficarão à mercê de omnipotência de Primo de Rivera e seu representante em Portugal sr. Padilla, enquanto que por Espanha, com um descaramento inaudito, gosando as delícias do exílio, procurará ferir a república que tem por ministro dos estrangeiros o sr. Vasco Borges. E estamos certos que não será difícil a missão...

1.º Congresso Nacional dos Serviços de Saúde

Reuniu ontem, na sede da Associação de Classe do Pessoal dos Hospitais Civis Portugueses, a Comissão Executiva do 1.º Congresso Nacional dos Serviços de Saúde, tomando conhecimento de diversas adesões e de alguns trabalhos já elaborados para serem presentes à discussão do Congresso, tendo resolvido definitivamente que se realize em Lisboa nos dias 21, 22 e 23 do próximo mês de Novembro.

Resolveu também convidar a fazerem a sua representação todas as associações de classe médicas, de farmácia, enfermagem e de pessoal hospitalar, tendo já a adesão de algumas.

Toda a correspondência deve ser dirigida ao secretário geral Abel da Cruz, travessa de S. Bernardino, 11, Lisboa.

A guerra de Marrocos

Tetuan há oito dias que está sendo bombardeada

TANGER, 8. — A cidade de Tetuan é bombardeada há oito dias por uma poderosa peça instalada no monte Zitoun. Keriro, que comanda a artilharia, acaba de receber uma provisão de 200 obuses, e recusou-se a cessar o bombardeamento, a pesar das instâncias de uma delegação.

Elsi Ait Boudras, ministro da guerra rifenho, entregou o comando da frente dos Djebalas a Keriro, que concentrou tropas na previsão de um ataque contra os espanhóis.

Os filhos de Tazi deixaram Tagazout pelo Rif, mas confirma-se que os dois mais velhos voltarão em breve ao teto paternal. A zona de Tanger está calma.

Os transportes aéreos Rússia-Japão

MOSCÓVIA, 8. — Chegou a esta cidade a delegação japonesa dirigida pelo ministro das Comunicações, que veio negociar o estabelecimento dos transportes aéreos entre a Rússia e o Oriente.

1.º CONGRESSO NACIONAL dos Mutilados e Inválidos da Guerra

A comissão organizadora do 1.º C. N. M. I. G., à qual preside o sr. Felipe Augusto de Sousa Tribolet, lembra a todos os interessados a conveniência de lhe enviarem as suas adesões e quaisquer trabalhos a-fim-de poder resolver definitivamente o local e data em que o congresso deve ser realizado.

Toda a correspondência deve ser dirigida para a Travessa do Ralo, 18, Santarém

A "mascarada trágica de Belém"

A indignação do "Século" e as violências policiais que se premeditam

O Século está muito indignado com a manifestação de desagrado de que foi alvo em Belém o sr. António Maria da Silva. Esquece-se de que ele foi o chefe da ex-cerada «formiga branca», que bastantes vezes espancou os elementos conservadores que O Século defende, para se lembrar exclusivamente que o sr. António Maria da Silva é um «honrado comerciante da nossa praça» por ser um dos sócios do Café Nacional e que chefiou um governo em que as «forças vivas» estavam largamente representadas. Um governo que nunca atacaria a Moagem porque o ministro Lago Cerqueira a ela pertencia; que não suprimia o monopólio dos tabacos porque o ministro Lima Basto era empregado, com grandes interesses e complicitades, na casa Burnay.

O sr. António Maria da Silva era, nesse tempo, a certeza para as «forças vivas» de que o Estado transigiria com elas, fazendo-lhes alguns dos mais ruins favores que elas já reclamavam naquela linguagem suave, doce que se usa quando se está entre amigos.

Quando se assassinaram operários cobardemente O Século não protestou. A polícia conseguiu e obteve o direito de morte sobre a população e O Século não disse uma palavra que não fôsse de aplauso.

Nas listas fúnebres que com pretende arrearpear os nervos dos ingénuos leitores da província nunca incluí o que morreram sob o terror sidonista e sob a «Trautitania» de memória tão repulente como ridícula.

Ao falar de violências porque não citou as da força pública? Porque se indigna contra um rasgo pequenino no ridículo fraque de António Maria da Silva e pede a prisão para todos os adversários daquele político tenebroso e não tem uma palavra de repulsa para o tenente Vinhas que, em Silves, mandou a guarda republicana disparar sobre mulheres e crianças?

O tenente Vinhas está em liberdade. Porque não pede a sua prisão? Bem sabemos... O tenente Vinhas não mandou disparar sobre comerciantes, mandou fusilar mulheres e crianças que são do povo, que pertencem à massa trabalhadora que os filiados na União dos Interesses Económicos exploram roubando-lhes o suor nas fábricas e guardando nas gavetas e nos cofres dos seus estabelecimentos o dinheiro dos seus salários.

As mulheres e crianças que tombaram em Silves serão, porventura, uma invenção nossa? Será, porventura, nosso aliado o nacionalista sr. Vitorino Mealha que tratou deste crime no Parlamento?

O Século, que está sempre pronto a defender todos os crimes de cima, o Século que tem incitado ao ódio, que perfilha o bandoleirismo fascista, devia calar-se se a audácia impune com que os seus donos têm roubado, explorado e envenenado uma população, lhe não desse a coragem dos cobardes que mordem com dentes emprestados.

Fala da «mascarada trágica de Belém» em que não correu uma única gota de sangue, em que não houve uma simples troca de murros e deixa ficar no tinteiro a «Leva da Morte», onde se fusilaram cobardemente indivíduos que já se encontravam presos e de que bastantes tinham sofrido enxovalhos e agressões nos calabouços do governo civil.

O assalto à C. G. T. e o saque de associações operárias? O Século concorda com esses canibalismos.

Já começou no governo civil a grotesca comédia das investigações para se averiguar quem foram os que apuraram o execrável político António Maria da Silva e o odioso polícia Barbosa Viana. Grotesca comédia lhe chamamos pois não se procura averiguar coisa alguma, mas sim estudar o número de vinganças a exercer sobre aqueles que são antipáticos ao polícia e ao político apurados.

Prepara-se a prisão de alguns operários e políticos. Mas não há ambiente para perseguições. Esse ambiente só se criaria, organizando uma manifestação popular de desagrado a António Maria da Silva. Mas quem se atreve a organizar uma manifestação impossível em que apenas se incorporariam os cadastrados da polícia a tanto por cabeça? Ninguém. E' extraordinário que o governo finja que o paísse comoveu do por se ter apurado um homem que ele execra.

A popularidade do Silva não ganha com esta estúpida perseguição que se premedita. A sua impopularidade também não. Seria impossível torná-lo mais impopular!

Acordo franco-germânico

LONDRES, 8. — Corre o boato de ter sido concluído, entre os representantes da França e da Alemanha que se encontram em Locarno, um acordo particular para a arbitragem das divergências políticas entre os dois países.

Crónica literária

Ao sópro do romantismo...

No decurso leve e rápido de vinte anos fugitivos, o mês de setembro cortou e hermetizou o quadro biográfico de três vultos de estranho bronze, três luminosas figuras que no zenith da literatura nacional pertencem à constelação do período romântico: Antero de Quental, Júlio Denis e Alexandre Herculano. As datas das suas mortes são: 11 de setembro de 1891, 12 de setembro de 1871 e 13 de setembro de 1877.

Antero, Júlio Denis e Herculano são três clamorosos clarins de guerra; a ressonância estridentemente revoltosa e ruído no campo de batalha das letras. Três organizações fortes, três cérebros potentes, três almas de idealistas.

Antero marcou vincadamente, nos horizontes candentes da poesia filosófica, uma posição que podemos nivelar com o naturalismo sincero do estro colorido de Cesário Verde e a simplicidade amorável da lira vibrante de João de Deus. Coloco a par uma das outras estas três obras: *Odes modernas*, de Antero; *Libro de Cesário Verde* e *o Campo de Flores*, de João de Deus; três obras que são tópicos de originalidade e a feição própria do génio desses Poetas—que o foram na mais pura e conciliante aceção do vocabulário que mais mãos e piores «genios» têm banalizado, descatagorizado e profanado no altar das suas rufanadas pretensões ócas de relação racional.

Não pretendo — ai de mim! — falar das tendências da filosofia de Antero e acrescentar algo ao que a tal respeito já ditou António Sérgio e Fidelino de Figueiredo. Basta tão somente salientar que Antero foi aquele espírito eminentemente filosófico do qual Bulhão Pato disse nas *Memórias*: se tivesse havido duzentos ou trezentos anos atrás seria um cenobita, talvez retirado nas agrestes da montanha... Bulhão Pato teria direito a asseverar-lo; porém, eu não me sinto com poder para manifestar concordância de opinião.

Júlio Denis apresenta-se nos como a tábua central, interstício fustigado luz branca, do grande tríptico dos novelistas do século XIX; acamaram-nos Eça e Camilo, qual deles o maior. Liguem-nos laços comuns de joalheiros cuidadosos e investigadores da língua, e argutos objectivadores de almas, e observadores de tipos e figuras, e têm a separação, a destruição da expressão definida duma índole específica e peculiar a cada um deles. Júlio Denis, um dos nossos mais operosos escritores contemporâneos, demarcou assim a obra dessas três figuras: Júlio Denis é, na sua obra, acentuadamente burguês; Camilo, caracterizadamente plebeu; Eça, essencialmente aristocrata.

A obra de Júlio Denis sorri toda e abre-se à simplicidade votiva e transparente duma aguarde plena de frescura viva, quasi sempre arrancada a aquelas paisagens campestres que nos adocam o sentimento e nos inoculam na alma sensações de ar puro. Bem diferente, pois, dos excessos de vibrabilidade e comocão da obra do autor do «Amor de Perdição», e da penetração flautística, da aristocracia de descriptivo e do magia confidencial dum estilo genésico, do avistista profundo e maravilhoso dos *Mais*.

Herculano também faz parte dum tríptico; é o tríptico dos introdutores da escola romântica entre nós. Herculano ombrina com Garrett, o reformador do teatro nacional, e com Castilho, o «velho acadêmico».

De Herculano disse Romero Ortiz ser o historiador mais consciencioso, o pensador mais profundo que teve a nação portuguesa no presente século.

Recordando páginas de Herculano em recordo também as de Garrett e de Castilho; irmana-os uma solução concentrada de objectivismo.

É folheando as mais belas e expressivas páginas de literatura nacional fazemos acordar sentimentos adormecidos, fazemos entrar em nós a convicção optimista na nossa autonomia mental, que, contra tudo e a pesar de tudo, existe e mantemos.

Nessas páginas se patenteia o génio da raça e se revela e se afirma a compreensão dos segredos recatados da natureza, da senda vortice da vida, da multiplicidade evolutiva do universo.

Escreveu Garrett: o que é preciso estudar é as nossas primitivas fontes poéticas, os romances em versos e as lendas em prosa, as fábulas e crenças folclóricas... Faz-lo era regressar às fontes nacionais.

Faz-lo, a nossa literatura jorrou água límpida e desinquinada de miasmas adultérados, com a qual se lavaram velharias esquecidas e enterradas em elcas convencionais.

Saibamos nós aproveitar prudentemente essa água que a seca vai comprimindo e dilacerando as cartilagens do sistema anatómico do nosso património literário.

Adolfo de CASTRO.

Jardim "Cesário Verde"

Em virtude da sessão solene que se realiza no próximo domingo nos Paços do Concelho, de homenagem ao dr. sr. Alfredo Guizado, foi adiada sine-die a colocação da lápide com a legenda «Cesário Verde» no jardim da rua D. Estefânia, próximo do Bairro Linhares, visto aquele vereador não poder comparecer ao acto.

Como a Câmara Municipal de Sintra faz cumprir as posturas camarárias

SINTRA, 8.—Por uma postura camarária as propriedades urbanas desta vila têm que sofrer certas reparações e limpeza, não podendo os seus proprietários furtarem-se ao seu cumprimento. Como tal não se tivesse verificado no prazo legal, o S. da C. Civil desta vila junto dos vereadores da Câmara Municipal daqui tem tratado do assunto, procurando que a postura seja respeitada a fim dos sem trabalho poderem crescer em número. A todas as delinções do referido organismo os edis cá do burgo com uma crassa indiferença têm respondido, nem se preocupando com a falta de respeito pelo cumprimento da postura nem com a situação dos desempregados.

Os vereadores têm sido acompanhados, talvez influenciado, pelo veredugo do Casino, que procura obstinadamente impingir o horário de 10 horas não o tendo conseguido porque a isso se têm oposto os operários ao seu serviço.

A persistir este estado de coisas muito pouco viverá quem não assista ao desenrolar de graves acontecimentos, de responsabilidade apenas dos emucos vereadores desta linda vila que tantos imbecis tem ao seu serviço!—C.

Contra o assalto à C. G. T.

A U. S. O. do Porto realiza hoje uma importante sessão de protesto, para o que fez distribuir um vibrante manifesto

Conforme o deliberado na reunião de delegados da União dos Sindicatos Operários do Porto, onde foi veementemente verberado o vil procedimento da policia de Lisboa, efectua-se hoje, na Casa do Povo Portuense, pelas 20 horas prefixas, um comício de protesto contra o policesco assalto feito à sede da C. G. T. e de outros organismos instalados no mesmo edificio.

A comissão encarregada de levar à prática este justificado protesto, para que ele resulte o mais vibrante possível, fez distribuir profusamente o seguinte manifesto:

POVO TRABALHADOR

Um numeroso grupo de facinoras da pior espécie, às ordens de quem todo lo manda nesta prostituta e sifilizada república democrática-reaccionária, assaltou a altas horas da madrugada, quando toda a gente honesta que trabalha está descansando das fadigas da sua constante e laboriosa labuta, a sede da Confederação Geral do Trabalho, de outros organismos e de *A Batalha*.

Era tão selvagem a furia de destruição, que os canibais nada poupavam, desde simples documentos, a desenhos e outros trabalhos de grande valor ao Conselho Técnico da Construção Civil pertencentes, ao mobiliário, a uma máquina duplicadora, a tudo enfim, que ao alcance das suas rufanadas e perniciosas patas encontraram.

Para ser mais completa a obra de canibalismo, os malfetores roubaram o dinheiro que encontraram e que só aos trabalhadores pertencia.

Diz a constituição política deste democrático regime que, de noite, a moradia do cidadão é inviolável; e, no entanto, a policia, a cargo de quem está a segurança do direito consignado na mesma constituição, assalta, destrói, ameaça e rouba, às 2 horas da madrugada, as casas dos trabalhadores.

Bandidos, canalhas, ladrões, eis o que são os heróis dos assaltos levados à prática às 2 horas da madrugada à sede da Confederação Geral do Trabalho.

O governo, com o seu silêncio, afirmou exuberantemente a sua cumplicidade nos assaltos e no roubo; logo, pois, é preciso que tu, povo, digas a última palavra sobre o assunto.

O assalto foi feito antes dos dias do 15.º aniversário da República—isto diz tudo—a república já não existe.

Dentro em breve, os mesmos que mandaram assaltar e roubar a sede da casa dos trabalhadores, hão-de dizer ao povo coisas lindas, chamando-lhe novamente soberano, etc., pedindo-lhe o voto. Nesse momento povo, só tens uma resposta condigna, é corre-lhe a chicote, brandando:

Abaixo o canibalismo republicano!

Abaixo os malfetores!

Associação da Construção Civil da Amadora

A Associação de Classe da Construção Civil da Amadora, em sua assembleia geral, aprovou um protesto contra os desmandos da policia na sede da C. G. T. e outros organismos operários.

Associação dos Vendedores de Jornais de Lisboa

Em sua assembleia geral, a Associação dos Vendedores de Jornais de Lisboa aprovou um enérgico protesto contra o assalto à sede da C. G. T., e resolveu officiar a *Batalha* e a C. G. T., manifestando-lhes a sua solidariedade moral e os seus protestos contra os desmandos da policia.

O protesto da imprensa

O assalto da policia ao edificio onde está instalada a C. G. T. só teve o condão de provocar um movimento de justa repulsa dos elementos liberais a quem repugna a prática de actos atentatórios dos direitos liberais. A juntar nos protestos que temos arquivado nas nossas colunas temos hoje o do *Correio da Manhã*, semanário republicano que se publica em Viana do Castelo e que no seu último número publicou o seguinte eco:

«O governo do sr. Domingos Pereira bem nos quer convencer de que o seu fim é salvar a Pátria. Nós que o conhecemos bem, é que não vamos nisso. No entanto ele lá continua a afrontar a Nação com a sua atitude quixotesca, mandando espadear o povo e assaltando com insultos a redacção de jornais populares como *A Batalha*, de Lisboa, órgão da C. G. T. e do sindicalismo radical, que não está disposta a gramar em silêncio aqueles políticos que de braço dado com financeiros, ignóbilmente preparam a ruína da Nação e a morte da raça.

Contra semelhantes atropelos à Lei e ao Direito nós protestamos veementemente e confiadamente de que o povo, em breve, compreenderá que só tem um caminho a seguir: a revolução mais profundamente devastadora feita contra os maus políticos que cada vez mais nos arrastam para o abismo da ignomínia, para a miséria e para a fome!»

Associação de Classe dos Corticeiros de Almada

A comissão administrativa deste Sindicato protesta indignadamente contra o acto canibalesco da policia, por ter invadido a sede da C. G. T. e outros organismos instalados no mesmo edificio, danificando mobiliário e outros artigos indispensáveis.

O sindicato dos operários da Indústria de Conservas de Peniche, reunido em assembleia geral, protestou contra o assalto cometido no gabinete dos Impressores tipográficos e conselho técnico da Construção Civil, etc., tendo aprovado uma moção sobre os factos ocorridos.

A Associação dos Trabalhadores Rurais de Elvas protestou também contra o assalto à C. G. T. e suas dependências.

Manuel Peres, enviou-nos o seu veemente protesto.

A Associação de Classe dos Descarregadores do Porto de Lisboa (vulgo os loicás) na sua sessão solene foi aprovada uma moção de protesto contra o assalto à C. G. T., levado à prática pelos mantenedores da ordem...

A cura das doenças pelas Plantas

2.ª edição—Preço 2000, pelo correio 2500. Vendidos a administração de *A Batalha*.

O ALCOOLISMO

A repressão violenta agrava o mal

A propósito da repressão contra o alcoolismo, transcrevemos a seguir algumas declarações do «bureau» de estatísticas da Noruega:

«Um chefe de policia do extremo norte da Noruega diz: «Parece que a prohibição teve por resultado uma mudança no sentido de aumentar o consumo das bebidas mais alcoolicas...»

Um medico do centro da Noruega escreve: «A bebida de contrabando pode ser agora adquirida em quasi toda a parte; não é bebida pura, mas misturada com água, como «aquavit», guardante, etc., ou misturada em bebidas tais como limonada, cerveja, café, etc. Deste modo a quantidade consumida tornou-se muito maior facilmente e as consequências não deixaram de se manifestar. Não é raro vermos bebados, especialmente pessoas novas nas ruas e nas estradas. Todos os medicos dos pais são de opinião que os envenenamentos alcoolicos são agora mais violentos e mais frequentes do que antes da introdução da prohibição.»

Um medico num distrito rural, também do centro da Noruega, diz: «Especialmente os jovens procuram agora com mais ansiedade o alcool do que antes, e está comprovado que agora têm mais bebidas licorosas do que antes.»

O seu combate pela educação é o mais eficaz

Nas estatísticas sociais e criminaes o abuso do alcool e a falta de sobriedade têm sido nos últimos anos colocados num segundo plano como causa da pobreza, divórcios, crimes, etc., e também as estatísticas policiaes dos atentados por embriaguez mostram que a sobriedade dinamizadora é satisfatória. Enquanto em Crístiania, com prohibição contra a venda de licres, teve 22.504 ofensas cometidas sob a influencia da embriaguez no ano de 1923, e Helsingfors, com a prohibição total, teve 15.556 atentados por embriaguez no mesmo ano, Copenhague, sem nenhuma espécie de prohibição teve somente 5.366 atentados, a pesar-dista cidade ter muitos mais habitantes que as outras duas (716.000 contra 258.000 em Crístiania e 202.000 em Helsingfors).

O consumo de alcool na Dinamarca é também agora muito mais pequeno do que antes da guerra, porque especialmente os espirituosos naqueles tempos satisfizeram em grande parte os pedidos da população.

Em 1923 o consumo geral de espirituosos (tanto em produtos nacionais, como importados) importou simplesmente em 0,67 litros de 100 %, por habitante comparado com 4,45 litros durante a guerra; o sumário do consumo total de alcool mostra um resultado final de 2,81 litros de alcool puro por habitante contra cerca de 3 vezes mais durante a guerra.

INSTRUÇÃO

Cartilha Nato-Racional

O sr. João L. E. de Sousa Reis, autor da «Cartilha Nato-Racional», segundo nos informa, vai ensinar a ler, escrever e contar, gratuitamente, pela sua Cartilha Nato-Racional, em sua casa, a quem seja analfabeto. Quem pretender aproveitar tal util offercimento pode inscrever-se no largo da Graça, 99, e na rua Castelo Branco Saraiva, (padaria).

Associação dos Caixeiros de Lisboa

A direcção e a comissão de instrução comunicam a todos os associados e aos empregados no comércio de Lisboa que já se encontram abertas as matriculas para as seguintes disciplinas: instrução primaria, portuguez, francez, inglez e escripturação comercial. Mais comunicam que atendem os colegas todos os dias uteis, das 21 às 23 horas.

Escolas Móveis

Os professores provisórios das Escolas Móveis que não requereram a sua recondução, nos termos do decreto n.º 11.062, serão abitados do quadro.

Sociedade A Voz do Operário

Esta Sociedade, que tantos serviços tem prestado à causa da instrução popular, resolveu abrir uma aula nocturna de portuguez, francez, aritmetica, contabilidade e escripturação comercial. Essas aulas, cuja matricula foi aberta o mês passado, abrem no dia 12 do corrente. A matricula, porém, continua aberta até ao fim do corrente mês.

Também brevemente vai abrir a policlinica, cujas consultas, gratuitas, são para os socios.

Foram colocadas na escola primaria superior de D. António da Costa, em Lisboa, as professoras da de Sintra, D. Marta da Luz Teixeira Rodrigues e D. Lucinda Maria das Neves.

Renovação

Revista Grafica

A 1 e 15 de cada mês

Preço rec. 1.50

Concertos populares

É o seguinte o programa a executar hoje, pela Banda de Musica da Guarda Nava na parada do quartel de marinheiros, das 15 às 17 horas:

1.ª Giraldas, P. D. Juarraz; Manon, selecção da opera, Massenet; Pout-pourri de cantos populares, Fão; Concerto de clarinetes, Weber; Rapsódia húngara, (em Dó), Liszt. Caminho de rosas, N. N.

EM ALDEGALEGA

Um delegado do governo contra a baixa do preço do pão

ALDEGALEGA, 6.—Agora que se pretende forçar uma baixa de salarios a pretexto de que a vida está baixando de custo, pomos os leitores ao corrente de um facto interessante, demonstrativo da forma como as autoridades têm em conta os interesses da população. Eis o caso:

Há dias o proprietário da padaria Bucelese, como tivesse adquirido farinha de bom lote por preço mais reduzido, procurou o delegado do governo a fim de lhe comunicar o seu desejo de fabricar pão a 1550 o quilo, contra o preço que está em vigor e que é de 2500 por cada quilo que muitas vezes não vai além de 700 gramas.

Para experiência a padaria Bucelese fabricou pão que nós vimos, claro e muito saboroso e apresentou-o ao sr. autoridade. Pois aquele senhor delegado das forças vivas, perdão, delegado do governo, declarou que não consentia a baixa do preço do pão para não prejudicar os outros padeiros, forçando a que a Bucelese ganhasse a mais do que desejava 500 em cada quilo de pão. E assim o povo de Aldegallega continuará a ser roubado no pão, na qualidade e no preço do pão, pagando por um pãoinho negro, de 350 gramas, um escudo.

É que os padeiros são amigos do sr. delegado... pois se eles deram 3000 cada para as festas da república...

Uma dualidade de critérios sobre higiena pública

Quem se arroje a visitar Aldegallega, é forçado a entrar e sair de mão no nariz, tal o estado de imundície em que se encontra esta vila ribetejana.

Diz-se-hia que estamos numa terra serretejana onde a água seja difícil de obter. As ruas são verdadeiras fossas onde os dejectos se amontoam nauseabundos e epidémicos. A própria fonte que abastece o bairro Serrano está circundada daquela lava viscosa que, infiltrando no solo, vai indiscutivelmente deteriorar a água de consumo.

Como resultado deste estado de desprezo pela saúde pública já se verificam casos de febre tifóide. A Câmara Municipal não se preocupa com estas ninharias e o sub-delegado de saúde encolhe os ombros desprezadoramente.

Mas, há mais: na casa de venda do peixe, todos os dias é fornecido ao público aquele artigo em estado de putrefacção, o mesmo succedendo com as carnes, e em alguns talhos. A tudo isto a Câmara faz de mouca e o sub-delegado de cego.

Há, porém, um caso para que essas duas entidades voltem todas as suas atenções: alguns habitantes de Aldegallega criam nos seus quintais alguns porcos, na mira de melhor poder equilibrar os gastos dos seus lares. Ora isto não pode satisfazer de forma nenhuma os negociantes da carne e do peixe avariados... pois surge agora um edital, assinado pelo sub-delegado sr. Navarro, que proíbe, sob penalidades, a criação de gado nos quintais.

Ora, acaba aqui a surdez da Câmara e a cegueira do sub-delegado de saúde, pósto que este, passando por cima da trampa das ruas, descobriu através dos corpos opacos as barracas dos suínos nos quintais, e a impagável câmara lá está prontinha a receber a importância das multas.

E, no entretanto, Aldegallega continuará a parecer uma flor mergulhada no fundo duma pia.—C.

UM PEDIDO

Ferreira Quartel solicita-nos que, por intermédio do nosso jornal, pegamos ao camarada gráfico que viajou com ele no mesmo compartimento no dia 20 do p. m. mês de Lisboa a Mato-Miranda onde se apeou, a fineza de lhe indicar, no caso de tal conhecer, pelo telefone 1099-N., o paraquedista do seu sobretudo que por esquecimento lhe ficou na carruagem.

As manigâncias da Companhia do Gás

As Companhias Reunidas do Gás e Electricidade resolveram elevar os preços dos contadores e dos fogões, com a alegação de que o seu fabrico tem encarecido bastante.

Escusado será dizer que não se deu nenhum encarecimento no fabrico. Trata-se apenas dum pretexto para levarem à prática uma nova extorsão.

As Companhias Reunidas tinham prometido fazer baixar de maneira sensível o custo quer da corrente quer do gás. Até hoje ainda não efectivou a sua promessa.

Os dias passam sem que se saiba por que misteriosas razões o preço do gás e da electricidade ainda não desceu.

Em troca vai-se cometer uma nova extorsão. Isto só prova que os monopólios estão cada vez mais atrevidos, os governos cada vez mais complacentes. E os consumidores que sofrem e que se caem senão são considerados «discolos» e alcunhados de «choldra».

MALAS POSTAIS

Pelo paquete «Weser» são hoje expedidas malas postais para o Rio de Janeiro, Santos, Montevideu e Buenos Ayres e pelo paquete «Aguila» para Las Palmas, Madeira e por via do Funchal para a Africa Austral, Cabo da Boa Esperança, Elisabeth e Africa Oriental.

Da Estação Central dos Correios as ultimas tiragens das correspondências são respectivamente às 11 e 13 horas e para as registadas até às 9 e 11 horas.

TIVOLI

TEL. N. 5471

A'S 8 3/4 HORAS

AS TRÊS IDADES

Dampflins na idade de pedra — Dampflins em Roma — Dampflins na actualidade

Na Voz do Operário

Uma votação reveladora de falta de escrúpulos e uma proposta que é uma autêntica burla!

Para continuação dos trabalhos reuniu na quarta-feira a assembleia geral desta sociedade.

Aberta a sessão verificou-se logo a ausência dos secretários, o que de resto condiz com a vida que a colectividade vem arrastando há longos anos, em crise quasi permanente, pelo abandono sistemático dos corpos gerentes que para nada querem saber da instituição; também as actas das ultimas duas sessões não apareceram... por não estarem feitas. Entrando-se na ordem dos trabalhos, usou da palavra o ex-tesoureiro «crónico» da sociedade que fez um pequeno discurso, bem demonstrativo da afirmação da comissão sindicante, que no seu relatório ao sr. governador civil diz que «nas aulas das escolas da Sociedade bem se podiam matricular os seus dirigentes», e ainda um outro sócio de nome Silva que proferiu também algumas palavras reveladoras do seu feitiço «alegre».

Não se achando presentes alguns operários inscritos, foi posta à votação a 2.ª parte da moção apresentada na sessão anterior por um sócio auxiliar, e cuja doutrina tendia a dar a demissão aos membros da direcção que ainda se conservavam em exercicio. E então mais uma vez se assistiu na Sociedade ao espectáculo degradante de se verem os alvejados a servirem-se do seu voto, para se livrarem de apuros; e assim a matéria em votação foi rejeitada por 11 votos, incluindo os da direcção e conselho fiscal, e aprovada por 6 o que demonstra esta triste conclusão: que se não fôra a falta de brio e pundonor, a direcção teria sido escuraçada, com o que a Sociedade abandonada pelos seus «donos», os chamados socios efectivos, visto a miséria dos números acima indicados, a pesar-destes se proclamarem os únicos com envergadura para dirigir a mesma! Da-se então este espectáculo único... nesta sessão, mas já com precedentes na história da Sociedade.

D. Xamuel, que há dias enviara a sua demissão ao presidente da assembleia por officio, pretende ficar no seu lugar, não se lembrando que o seu pedido de demissão já era anterior ao da apresentação da moção; a assembleia protesta enérgicamente contra este inaudito atrevimento e falta de pudor e D. Xamuel senta-se resignado... lembrando-se talvez do fiasco que a notícia da sua demissão já causara na sua terra natal...

Entrando-se na 2.ª parte dos trabalhos, discussão das contas dos ultimos cinco anos e apreciação duma proposta de passagem de socios auxiliares a efectivos, feita pela ultima gerência, a assembleia verifica logo que é uma autêntica burla o que essa proposta representa, pois que os vinte galardoados são na sua maioria pessoas, que nada irão fazer à colectividade, embora alguns a ela tenham prestado alguns serviços, visto serem pessoas alheadas da sua marcha associativa. Entre os contemplados figuram os nomes de Ramada Curto, sócio apenas há 9 meses, Soares Andrea (I), Herculano Galhardo e o famigerado e já célebre José Luis Lopes, esposo da ex-regente que não regia e compadre de vários «compadres», algumas figuras conhecidas no meio socialista (não sabemos se vêm bem...) e um cangalheiro, o que leva um sócio a exclamar: «é para fazer o enterro à Sociedade», o que provoca larga risota.

Nota-se agitação e fervem os comentários contra esta larga mais indigna que a de 1920, pois então houve mais um pouco de habilidade na proposta, mas aliás teve um entorpecimento estrondoso. Rompe o ataque o sócio Francisco Reis, protestando contra essa autêntica burla e declarando que ela tem só em vista deitar poeira para os olhos das entidades officiais, que foram os que aconselharam a comissão administrativa a fazer uma larga passagem de auxiliares a efectivos; declara que os seus companheiros de luta farão ver às mesmas, a deslealdade da C. A. neste assunto e que a luta há de continuar até vitória final, sem embustes nem «trucs» de quem quer que seja.

Diz à assembleia que no jornal *A Voz do Operário* de Maio de 1924 se dizia aos socios que as contas tinham sido todos os anos enviadas às autoridades superiores, o que a sindicância verificou ser uma refinada mentira, e depois de várias e largas considerações terminou, seguindo-se Eduardo Jorge que diz ser uma troca a proposta referida, pois em nada modificará a vida de miséria moral que a colectividade arrasta há anos, criticando o egoismo da classe dos Tabacos, que nem ao menos considerou mercedores de continuarem como socios efectivos os operários despedidos quando da greve de 1920 na Companhia dos Tabacos, declarando que esse egoismo parece ser apagação duma classe que dificilmente dá a sua solidariedade às outras, sem se lembrarem que o monopólio está prestes a findar e que então talvez horas amargas tenham que passar, seguindo com o seu ataque vigoroso à comédia que se pretende desempenhar, até à hora de se encerrar a sessão.

A próxima sessão é na quinta-feira, 15.

AGREMIACÕES VARIAS

Grupo de Solidariedade dos 21 Manufactores de Calçado—Reúnem hoje, às 21 horas.

Coliseu dos Recreios

NOTA-A'S 21 horas (9 da noite)-NOTA

Os mais extraordinários e sensacionais trabalhos da

GRANDE COMPANHIA DE CIRCO

As maiores maravilhas da actualidade

O melhor e mais barato espectáculo da Lisboa

Entrada geral 3\$00—Fautouils a 8\$00

Camarotes a 40\$00

Tudo o operário tem o dever de possuir este livro

A educação moral da criança na família

Por Benoit Bouché—Tradução de Emilio Costa.—Livro premiado em concurso na Bélgica, pela sua importância social.—Um verdadeiro Manual de Educação, que todos os pais, tutores, professores e novos devem possuir para saberem conduzir a educação das crianças.—Preço 5\$00, pelo cor. 5593.

h. bens e as florestas.—Pedidos à libreria Renascença, de J. Cardoso, r. Poais de S. Bento, 17-29—Lisboa

TEATROS, MÚSICA E CINEMAS

Festas artísticas

«E' noite de gala a de hoje, no Maria Vitória: ali, com a reaparição do popular actor Carlos Leal, festejam-se também os seus 30 anos de vida teatral, bafejada sempre pelo êxito e pelo aplauso unânime do público que muito o estima e aprecia. Alusiva a esse facto proferirá uma allocução o distinto *discur* Augusto de Melo, havendo também uma conferência estilizada pela poetisa e novel actriz Beatriz Delgado. Pela sua parte Carlos Leal, voltando a entrar na invencível revista «Rataplán» alegrará o público com a sua esfuizante e comunicativa *verve* apresentando-se a peça com várias surpresas.

Reclames

Efectua-se hoje, no Apolo, que ontem inaugurou a sua época com grande successo, a segunda representação do célebre drama de António Enes, «O Saltimbanco», cuja apresentação constituiu um grande triunfo para a Companhia Berta de Bivar-Alves da Cunha e uma grande corôa de glória para o grande actor Alves da Cunha.

Continua a ser grande a concorrência ao Coliseu dos Recreios onde a grande Companhia de Circo está alcançando vitórias sobre vitórias, mercê dos surpreendentes trabalhos que ali se exibem e que são dos melhores que se têm apresentado em Portugal.

O caso da rua Gomes Freire

No Instituto de Medicina Legal effectuou-se ontem a autopsia judicial no cadáver de Clara Roque Lopes, aquela mulher que, na rua Gomes Freire, foi morta a tiro pelo marido.

O seu funeral realiza-se hoje, saindo pelas 15 horas daquele Instituto para o cemitério Oriental.

DESPORTOS

CICLISMO

A estafeta Coimbra-Lisboa

Causou sensação e está despertando bastante interesse entre nós a noticia da próxima realização da corrida de estafetas de Coimbra a Lisboa, promovida pela União Velociférica Portuguesa, que continua pugnando sem esmorecimento pelo desporto que representa e sem adormecer sobre os louros colhidos na sua já longa existência.

A prova realizar-se-há no próximo dia 18, achando-se aberta na sede social a inscrição, a qual fechará imprimevelmente no próximo dia 15 às 23 horas.

O conselho director da U. V. P., já enviou a todas as agremiações filiadas, convites para se inscreverem, tendo já a certeza de algumas inscrições, entre as quais avultam as da provincia.

Lêde o Suplemento de A BATALHA